

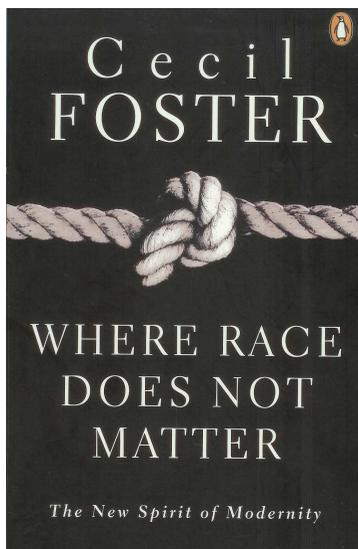
FOSTER, Cecil. *Where race does not matter: the new spirit of modernity*. Toronto:

Penguin Books, 2005. 211p.

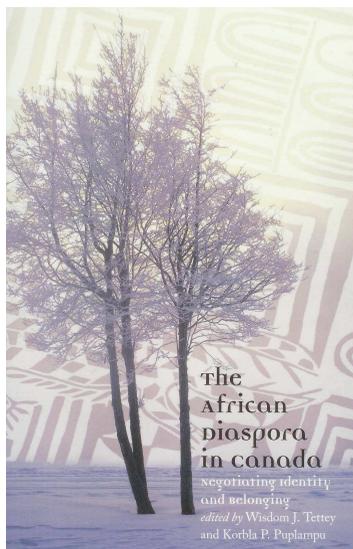
TETTEY, Wisdom J.; PUPLAMPU, Korbla P. (ed.). *The African diaspora in Canada: negotiating identity and belonging*. Calgary:

University of Calgary Press, 2005. 235p.

Roland Walter



Estas obras recentemente publicadas focalizam o significado da vivência e do ser negro no Canadá. Implícita é a problematização do multicultu-



ralismo nesse país – o primeiro do mundo que, desde 1971 e especialmente desde 1988 (*Multicultural Act*), faz do multiculturalismo a plataforma polí-

tica para a episteme (etos e cosmovisão) da sua sociedade. Nesse processo, e nisso reside sua complementaridade, colocam o assunto da identidade afro-canadense numa encruzilhada de diversas identificações e posições de sujeito como raça, etnicidade, idade e gênero. Uma encruzilhada diaspórica em que os fluxos conjuntivos e disjuntivos de diferentes lugares e tempos criam um entrecronotopo no qual o ser humano define sua identidade como sendo localizada *entre* diferentes locais geográficos, tempos e sistemas significantes: uma mudança constante de atitudes, costumes e pontos de vista. A *performance* de diferentes posições identitárias, portanto, significa uma existência intervalar caracterizada por identidades/relações fluidas e dinâmicas entre lares e mares, raízes e rotas, desterritorializações e reterritorializações.

Cecil Foster, em *Where race does not matter*, pergunta se é possível “ter um Estado-nação (...) sem raça” e, nesse processo, “imbuir o ídolo da Modernidade com um novo espírito” (p. 20)<sup>1</sup>. A resposta, segundo Foster, é que o Canadá é um pioneiro, “um farol da paz” (p. 51) na viagem utópica em direção a um país e mundo onde

a raça não importa. Esse novo espírito expressa a “esperança, os sonhos e o idealismo” (p. ix) – Ernst Bloch diria “a utopia concreta” – do multiculturalismo canadense enquanto base de uma sociedade justa e igualitária onde as diferenças constituem a diversidade cultural: “no Canadá, hoje em dia, cada pessoa é tecnicamente um estrangeiro. (...) o Canadá será uma coleção de diásporas, o lar para todos os povos do mundo” (p. 52-53). Com base na memória e no recontar das histórias que a constituem, “o multiculturalismo é a história da nossa busca e esperanças pela justiça social” (p. xi).

Voltando-se ao passado, Foster revela o lado mais escuro e sangrento de uma memória oficial (no Canadá e outros lugares da diáspora negra) que desde os negreiros e os sistemas de plantação até o presente nega e/ou distorce a história, a experiência e as conseqüências da diáspora dos negros nas Américas. Revela-o mediante uma contramemória que desde o início e por diversas maneiras produziu as rachaduras da memória oficial; fendas de resistência e mímica que, segundo Foster, constituem a base histórica do multiculturalismo presente – um processo complexo em vias de realização.

Ao traçar a história da nação canadense da perspectiva

<sup>1</sup> As traduções são da minha autoria.

negra, nação que durante a maior parte de sua história tinha fechado as portas à imigração não-branca, mas que no presente aceita pessoas de todo o mundo, Foster crê que o presente momento constitui um ponto de partida histórica para o Canadá desenvolver um novo, mais humano tipo de multiculturalismo; um tipo de multiculturalismo, ecoando Ralph Ellison em *Invisible man*, enquanto arco-íris de cores negociadas em que “as diferenças estejam reafirmadas mais concretamente em vez de apagadas numa indeterminação sem cor” (p. 153). O símbolo do Canadá multicultural, portanto, é “o andarilho e estrangeiro da nossa mitologia, o imigrante e refugiado da nossa história” (p. 155). É idealista argumentar que em todo o Canadá desabrocha “uma cultura de compartilhamento” (p. 173)? Que tipo de compartilhamento? Um *blending* de diferenças via *consensual disagreement* sugerido por Patrick Imbert (2005)? Uma justaposição e/ou embate dessas diferenças – *cultural fusion* e *cultural fissures* – como alega Roland Walter (2006, p. 245)? O texto de Cecil Foster deixa entender que estamos perante essas três formas de encontro das diferenças no Canadá contemporâneo. Foster, baseado “no espírito da esperança” (p. 29), argumenta que a sociedade

canadense está caminhando em direção a um *blending* que transcende a construção discursiva/ideológica da raça: um mundo-lar, nas palavras memoráveis de Toni Morrison (1998, p. 9), em que “a raça tanto importa quanto é impotente”.

Em *The African diaspora in Canada*, Wisdom J. Tettey e Korbla P. Puplampu organizaram dez ensaios em torno de diversos aspectos da posição do sujeito negro e suas negociações identitárias na sociedade canadense. Duas das questões-chave com relação à diáspora negra no Canadá são colocadas na introdução: quem constitui tal diáspora são todos os integrantes *Afro-Canadians* ou *African Canadians*, já que nem todos os negros se consideram africanos, nem todos os africanos são negros, e há diferenças enormes em termos de costumes, cosmovisão, raça, religião, gênero e etnicidade entre africanos e afrodescendentes do Caribe e do Canadá? Essa diversidade, segundo os autores, enfatiza “as complexidades enraizadas no termo *African-Canadian*” (p. 11).

Negociação identitária implica a questão da posição do sujeito na sociedade, o que determina seu etos e cosmovisão. Dois dos ensaios problematizam a construção do saber mediante programas de educação secundária, chegando à conclusão de

que os currículos do sistema escolar reproduzem estruturas de dominação que marginalizam afro-descendentes. A ausência do saber africano nesses currículos aliena os estudantes de descendência africana, constituindo, segundo os autores, um caso de racismo epistemológico e institucional, e prova que no ambiente racista (e sexista) da sociedade canadense as relações de poder hegemônicas e valores do saber e impedem o acesso igualitário aos materiais, posições e benefícios da sociedade. Outros dois ensaios focalizam as dificuldades de integração dos imigrantes africanos no mercado de trabalho, revelando, por exemplo, diferenças salariais em termos de raça e gênero e a não-aceitação de diplomas africanos. Dessa forma, o multiculturalismo canadense, segundo os autores, é severamente minado por um racismo que começa na escola e continua no lugar de trabalho: a ideologia “do consenso e semelhança apaga a dinâmica e os aspectos relacionais da diferença” (p. 100).

A última seção, intitulada “Place, ‘in-between’ spaces, & the negotiation of identities”, reúne três ensaios cujo enfoque é a existência entre lugares e culturas: uma *translocal positionality* que constantemente negocia entre diferentes ordens

de saber. Nesse processo, os autores analisam, em casos específicos, o impacto das transferências culturais sobre o pensamento e o agir de imigrantes africanos no Canadá, abrindo termos como “*blackness*”, “diáspora”, “lar”, “nação”, “cidadania”, “cultura”, “identidade” e “nacionalidade” para seus trans-fluxos e horizontes.

Se, segundo um dos autores, “a verdadeira *Canadianness* é algo impossível de conseguir, algo que permanece além de adquirir cultura, pagar impostos e conseguir cidadania” (p. 186), nota-se um *longing to belong*, um desejo de um ser-estar caracterizado por justiça e igualdade – objetivo supremo do multiculturalismo canadense. Se *belonging* enquanto ser-estar-pertencer é multidimensional numa existência transnacional/transcultural *entre* nações e culturas, então há de se perguntar, não como eliminar diferenças, mas sim como desconstruir suas essências, deixá-las florescer numa confluência de fusões e fissuras. O que imbui tanto as duas obras analíticas aqui apresentadas quanto o mais recente romance da escritora canadense de descendência caribenha Dionne Brand, *What we all long for* (2005), é o anseio por um Canadá onde a diferença, retomando Morrison, simplesmente pode ser sendo impotente.

**Referências**

BRAND, Dionne. *What we all long for*. Toronto: Vintage, 2005.

IMBERT, Patrick (ed.). *Consensual disagreement: Canada and the Americas*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2005.

MORRISON, Toni. Home. In: WAHNEEMA, Lubiano (org.). *The house that race built*. New York: Vintage, 1998. p. 3-12.

WALTER, Roland. The Americas between nation-identity and relation-identity: literary dialogues. *Interfaces*, n. 6, p. 233-248, 2006.

